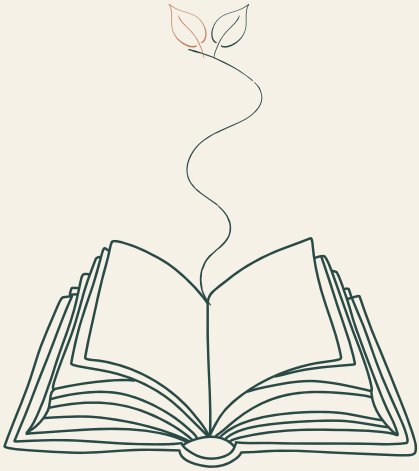
LEITURAS QUE CONECTAM VIDAS

Biblioterapia de Desenvolvimento e luto

Orientações práticas
para aplicadores



Reinan Rios da Silva

Biblioterapia de Desenvolvimento e luto

Orientações práticas
para aplicadores

Reinan Rios da Silva

Produto técnico elaborado no âmbito do
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
Universidade Federal de Sergipe

São Cristóvão – SE
2026

Ficha técnica

Autoria e organização
Reinan Rios da Silva

Orientação
Profa. Dra. Niliane Cunha de Aguiar

Projeto gráfico e diagramação
Reinan Rios da Silva

Programa
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

Instituição
Universidade Federal de Sergipe

São Cristóvão – SE
2026

Sumário

01	Apresentação	01
02	Antes de começar	04
03	O papel do aplicador	09
04	Como escolher um texto	12
05	Planejando a prática	16
06	Durante a leitura e a mediação	20
07	Depois da leitura	24
08	Memória e vínculos	27
09	Cuidados e limites	30
10	Possibilidades de leitura	33
11	Um exemplo de prática	46
12	Checklist do aplicador	49
	Referências	51

01

Apresentação

APRESENTAÇÃO

O luto por morte é uma experiência singular, atravessada por vínculos, lembranças, mudanças e diferentes formas de atribuir sentidos à ausência. Não existe uma única maneira de vivenciá-lo, assim como não existe um texto capaz de responder igualmente às necessidades de todas as pessoas enlutadas.

A leitura, entretanto, pode criar espaços para reconhecer experiências, encontrar palavras para sentimentos difíceis de expressar, compartilhar memórias, refletir sobre mudanças e estabelecer diálogos sobre a morte e a continuidade da vida. É nesse campo de possibilidades que se insere a Biblioterapia de Desenvolvimento.

Esta cartilha foi elaborada como produto técnico da pesquisa “Biblioterapia de Desenvolvimento e luto: uma proposta de orientação para aplicadores”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe. Sua construção foi fundamentada nos resultados de uma revisão integrativa da literatura científica sobre a utilização da Biblioterapia e de recursos de leitura no contexto do luto por morte.

O material é destinado a aplicadores de Biblioterapia de Desenvolvimento e a pessoas que atuam com leitura e mediação em contextos não clínicos. Ao longo das próximas páginas, são apresentadas orientações para a escolha dos textos, o planejamento da prática, a condução da leitura e do diálogo, a utilização de recursos complementares e o reconhecimento dos cuidados e limites envolvidos nesse tipo de atuação.

Esta cartilha não apresenta receitas prontas nem uma relação de livros que deva ser utilizada indistintamente com pessoas enlutadas. Seu propósito é oferecer referências que auxiliem o aplicador a construir práticas sensíveis às características do leitor, à experiência da perda, ao contexto em que a leitura acontece e às respostas que surgem durante a mediação.

As orientações aqui reunidas não substituem acompanhamento psicológico, psiquiátrico ou outros cuidados especializados quando estes forem necessários. Neste material, a Biblioterapia de Desenvolvimento é compreendida como uma prática não clínica de leitura, mediação, expressão e reflexão.

02

Antes de começar

O que entendemos por Biblioterapia de Desenvolvimento?

A Biblioterapia de Desenvolvimento é uma prática mediada de leitura que pode favorecer reflexão, expressão, diálogo e autoconhecimento diante de experiências da vida. Em contextos não clínicos, não tem como finalidade diagnosticar ou tratar transtornos psicológicos.

Caldin (2001) identifica seis componentes biblioterapêuticos: catarse, humor, identificação, introjeção, projeção e introspecção. Eles ajudam a compreender processos que podem emergir na relação entre leitor e texto, mas não constituem etapas obrigatórias nem respostas a serem provocadas pelo aplicador.

No contexto do luto, a leitura pode oferecer palavras, imagens e narrativas para iniciar conversas sobre a perda, reconhecer sentimentos, compartilhar lembranças e refletir sobre mudanças. Esses efeitos não são automáticos e dependem da relação entre obra, leitor, momento vivido e mediação.

Por isso, aplicar Biblioterapia de Desenvolvimento não significa simplesmente indicar um livro sobre morte ou luto. O aplicador precisa conhecer o material, considerar a pessoa ou o grupo e conduzir o encontro sem impor interpretações ou resultados esperados.

LEMBRE-SE

Nesta cartilha, partimos de três princípios

Cada experiência de luto é singular.
A mesma leitura pode acolher uma pessoa e provocar desconforto em outra.

O texto é um ponto de partida.
A leitura ganha sentido na interação com o leitor, nas conversas, nas perguntas, nos silêncios e nas demais formas de expressão que podem surgir.

O aplicador não determina o que o leitor deve sentir.
Sua função é favorecer um espaço de escuta e mediação, acompanhando as respostas do leitor sem conduzi-lo a uma interpretação previamente definida.

Atenção

A Biblioterapia de Desenvolvimento não substitui acompanhamento psicológico, psiquiátrico ou outros cuidados especializados quando necessários. O aplicador deve reconhecer os limites de sua atuação e encaminhar para profissionais habilitados quando a situação ultrapassar o âmbito da prática não clínica.

Antes de escolher um texto

Antes de selecionar uma obra, é importante considerar quem participará da prática, qual é o contexto da perda e em que momento essa pessoa ou grupo se encontra. Um texto que favorece identificação e diálogo para um leitor pode provocar desconforto, rejeição ou não produzir qualquer aproximação para outro.

A escolha do material deve levar em conta aspectos como idade, desenvolvimento, repertório cultural, interesses, experiência da perda, linguagem da obra, imagens, intensidade emocional e forma como a morte e o luto são apresentados. No caso de crianças, também é importante observar se o texto utiliza explicações claras ou recorre a metáforas e eufemismos que possam gerar dúvidas.

Conhecer previamente o material é uma etapa essencial. O aplicador precisa saber que temas, imagens e situações aparecem na obra, avaliar se são adequados ao público e estar preparado para acolher diferentes respostas durante a leitura. A presença da morte ou do luto no enredo, por si só, não torna um livro adequado para uma prática biblioterapêutica.

Pergunte-se antes

Eu conheço este texto por inteiro?

A linguagem, as imagens e os temas são adequados à pessoa ou ao grupo?

Como a morte e o luto aparecem na obra? Há metáforas ou eufemismos que podem gerar dúvidas?

Este material considera, ou ao menos não entra em conflito com, a idade, o repertório cultural e a experiência da perda do leitor?

Estou preparado para acolher silêncio, desconforto, rejeição ou interpretações diferentes das que imaginei?

Se a leitura mobilizar algo que ultrapasse minha atuação, sei reconhecer esse limite?

03

O papel do aplicador

O aplicador como mediador

O aplicador ocupa uma posição de mediação entre o texto e o leitor. Sua atuação não consiste em explicar previamente o significado da obra nem em determinar como a pessoa deve compreender aquilo que foi lido. Seu papel é criar condições para que a leitura possa favorecer diálogo, reflexão e expressão a partir das experiências e dos sentidos construídos pelo próprio leitor.

No contexto do luto, essa mediação exige atenção às reações que surgem durante a prática. Silêncios, dúvidas, lembranças, identificação, desconforto ou rejeição ao texto são respostas possíveis e não devem ser tratadas como inadequadas. O aplicador precisa observar essas manifestações e conduzir a leitura de maneira responsiva, respeitando o ritmo, os limites e a disponibilidade da pessoa ou do grupo.

A escuta constitui, portanto, uma dimensão central da atuação. Mais do que buscar respostas esperadas, o aplicador deve estar disponível para acolher diferentes interpretações, fazer perguntas abertas quando forem pertinentes e reconhecer que uma mesma obra pode produzir experiências distintas entre os leitores.

O que cabe ao aplicador e o que não cabe

CABE AO APLICADOR

- conhecer previamente o texto que será utilizado;
- considerar as características, necessidades e o contexto do leitor ou do grupo;
- apresentar a leitura sem impor significados;
- favorecer diálogo, escuta e diferentes formas de expressão;
- observar as respostas produzidas durante a prática;
- respeitar silêncios, recusas e diferentes interpretações;
- adaptar ou interromper a proposta quando perceber que ela não é adequada àquele momento;
- reconhecer os limites de sua própria atuação.

NÃO CABE AO APLICADOR

- diagnosticar condições psicológicas ou psiquiátricas;
- utilizar a leitura como substituição de tratamento especializado;
- interpretar clinicamente as reações da pessoa;
- determinar como alguém deveria vivenciar ou elaborar o luto;
- pressionar o participante a falar sobre a perda;
- impor uma interpretação para o texto;
- utilizar uma obra com a intenção de provocar uma resposta previamente determinada.

04

Como escolher um texto

O que observar no texto

Antes de utilizar uma obra, o aplicador deve examiná-la por inteiro e observar como ela apresenta a morte, a ausência e o luto. É importante perceber se a morte é nomeada diretamente ou permanece implícita, se aparecem metáforas ou eufemismos e de que maneira texto e ilustrações participam da construção desses sentidos.

Também merecem atenção a linguagem, a extensão, a complexidade da narrativa, a intensidade emocional das situações apresentadas e as representações culturais ou religiosas presentes na obra. Um texto não precisa oferecer explicações completas nem uma resolução para o luto, mas o aplicador precisa conhecer aquilo que ele apresenta, sugere ou deixa em aberto.

As ilustrações também devem ser consideradas como parte da leitura. Em algumas obras, imagens comunicam elementos que não aparecem verbalmente e podem ampliar, modificar ou tornar ambígua a compreensão da narrativa. Por isso, conhecer apenas a sinopse ou o tema geral de um livro não é suficiente para decidir sobre sua utilização.

Quando a morte não é nomeada

Algumas obras abordam ausência, separação ou desaparecimento sem afirmar explicitamente que um personagem morreu. Em outras, a morte aparece por meio de metáforas, símbolos ou imagens. Nesses casos, o aplicador deve evitar atribuir ao texto um sentido que a própria narrativa não sustenta.

A ausência de uma explicação direta não torna necessariamente a obra inadequada. Textos mais abertos podem favorecer diferentes interpretações, mas também podem gerar dúvidas, especialmente entre crianças. Por isso, é importante observar se a linguagem utilizada e os elementos visuais permitem compreender o que está acontecendo ou se a ambiguidade pode dificultar a leitura naquele contexto.

Quando a obra não explicita a morte, sua utilização em uma prática sobre luto por morte precisa ser especialmente criteriosa. O aplicador não deve transformar uma história sobre ausência ou separação em uma narrativa de morte apenas para ajustá-la ao objetivo da atividade. A leitura deve respeitar os limites e as possibilidades efetivamente presentes no texto.

Antes de decidir pelo uso

Depois de conhecer a obra por inteiro, o aplicador pode avaliar se aquele material realmente faz sentido para a prática planejada. Mais do que procurar um livro “sobre luto”, é necessário observar se a forma como a narrativa apresenta a perda oferece condições para uma leitura cuidadosa naquele contexto.

Para essa decisão, observe:

- **A relação com a morte ou o luto é suficientemente clara?** Evite atribuir à obra uma temática que ela não sustenta.
- **Texto e imagens são coerentes entre si?** Em livros ilustrados, parte importante da narrativa pode estar apenas nas imagens.
- **Metáforas e eufemismos podem gerar confusão?** Isso merece atenção especial quando a leitura é destinada a crianças.
- **A intensidade da obra é compatível com a proposta?** Algumas narrativas, passagens ou imagens podem exigir maior cuidado na mediação.
- **Há conteúdos culturais, religiosos ou explicações sobre a morte que precisam ser considerados antes da utilização?**
- **Você compreende aquilo que a obra afirma, sugere e deixa em aberto?** Se não compreende, ainda não é o momento de utilizá-la.

05

Planejando a prática

Comece pela intenção da prática

Antes de definir atividades, perguntas ou recursos complementares, é importante estabelecer com clareza o que se pretende favorecer com aquele encontro. A intenção pode estar relacionada, por exemplo, à abertura de espaço para diálogo, à expressão de sentimentos, ao compartilhamento de lembranças ou à reflexão sobre aspectos da experiência de perda.

Essa intenção funciona como uma orientação para o planejamento, mas não como um resultado que deve ser alcançado pelo participante. A pessoa pode reagir à leitura de maneira diferente da esperada, abordar outros temas ou preferir não falar sobre determinadas questões. O planejamento precisa comportar essas possibilidades.

Também é importante evitar propostas excessivamente carregadas de atividades. A leitura e a conversa podem constituir, por si mesmas, o centro da prática. Recursos como escrita, desenho, produção de memória ou outras formas de expressão devem ser utilizados quando fizerem sentido para aquele encontro, e não como etapas obrigatórias.

O que definir antes do encontro

Depois de estabelecer a intenção da prática, organize previamente alguns elementos básicos. Esse planejamento ajuda a dar segurança ao aplicador sem transformar o encontro em um roteiro rígido.

Antes de começar, defina:

- **Quem participará?** Considere se a prática será individual ou em grupo e quais características do público precisam ser levadas em conta.

- **Qual texto será utilizado?** Escolha uma obra ou trecho que você já tenha lido integralmente e avaliado para aquele contexto.

- **Como a leitura acontecerá?** Ela poderá ser feita pelo aplicador, compartilhada entre os participantes ou realizada de outra forma adequada ao encontro.

- **Quanto tempo estará disponível?** Reserve espaço não apenas para a leitura, mas também para pausas, conversa e possíveis manifestações dos participantes.

- **Será utilizado algum recurso complementar?** Se houver escrita, desenho, música, produção de memória ou outro recurso, prepare-o previamente, mas mantenha sua realização como possibilidade, não como obrigação.

- **Como o encontro será encerrado?** Planeje uma finalização que não force conclusões sobre o luto. O encerramento pode apenas retomar o que foi vivido, abrir espaço para uma última fala ou marcar simbolicamente o fim daquele encontro.

Planeje, mas deixe espaço para o inesperado

O planejamento organiza a prática, mas não deve determinar previamente como o encontro precisa acontecer. Durante a leitura, podem surgir perguntas, lembranças, silêncios, mudanças de assunto ou reações que não estavam previstas. Nesses momentos, o aplicador pode ajustar o percurso sem considerar isso uma falha do planejamento.

Também não é necessário cumprir todas as perguntas ou atividades preparadas. Se a conversa produzida pela leitura já estiver mobilizando o grupo ou o participante, pode ser mais adequado permanecer nesse diálogo do que interrompê-lo apenas para seguir um roteiro. O planejamento deve funcionar como apoio à mediação, e não como uma sequência obrigatória de etapas.

O roteiro orienta a prática; a resposta do leitor orienta o encontro.

06

Durante a leitura e a mediação

Acompanhe o ritmo da leitura

Durante a prática, a leitura não precisa acontecer de forma contínua ou apressada. Pausas podem surgir naturalmente diante de uma imagem, de uma passagem que desperte lembranças ou de uma reação do participante. O aplicador pode acolher esses momentos sem a necessidade de concluir imediatamente o texto ou preencher todos os silêncios.

Também é importante observar como o leitor se relaciona com a obra enquanto a leitura acontece. Mudanças na participação, perguntas espontâneas, comentários, silêncio, emoção, desconforto ou desejo de permanecer em determinada passagem podem indicar que aquele trecho adquiriu relevância naquele momento. Essas manifestações não precisam ser interpretadas clinicamente, mas podem orientar a maneira como a mediação prossegue.

Quando houver espaço para diálogo, o aplicador pode acompanhar aquilo que emerge da leitura em vez de antecipar uma interpretação. Em alguns encontros, a conversa poderá ocupar mais tempo do que o próprio texto; em outros, o participante poderá preferir apenas ouvir. A condução pode se ajustar a essas diferenças sem transformar uma forma de participação em modelo esperado.

Perguntas que abrem espaço para o leitor

As perguntas utilizadas durante a mediação devem favorecer a expressão e a reflexão, sem pressupor que exista uma resposta correta para a leitura. Em vez de perguntar o que a pessoa “aprendeu” com a história ou qual seria a “mensagem” do texto, o aplicador pode convidá-la a falar sobre aquilo que percebeu, sentiu, lembrou ou considerou significativo.

Perguntas abertas também permitem que o participante escolha até onde deseja avançar. Não é necessário relacionar imediatamente a narrativa à própria perda. Em alguns momentos, falar sobre um personagem, uma imagem ou uma situação da história pode ser suficiente para sustentar o diálogo.

Você pode perguntar:

- **O que mais chamou sua atenção nessa história?**
- **Houve alguma imagem ou passagem que ficou com você?**
- **Essa história fez você lembrar de alguma coisa que gostaria de compartilhar?**
- **Há algo sobre essa leitura que você prefere não conversar agora?**

Quando surgirem silêncio, emoção ou desconforto

Nem toda reação à leitura precisa ser imediatamente explicada ou transformada em conversa. O silêncio pode acompanhar uma lembrança, uma reflexão ou simplesmente a vontade de permanecer em contato com o texto. Da mesma forma, choro, inquietação ou recusa não devem ser interpretados pelo aplicador como sinais de que a prática "funcionou" ou "deu errado".

Nesses momentos, a mediação pode desacelerar. O aplicador pode oferecer tempo, verificar se a pessoa deseja continuar e permitir que ela escolha entre falar, permanecer em silêncio, retornar à leitura ou encerrá-la. O mais importante é não pressionar por explicações nem tentar conduzir rapidamente a experiência para uma mensagem positiva ou para uma conclusão sobre o luto.

Na prática

Faça uma pausa.
Nem todo silêncio precisa ser preenchido.

Ofereça uma escolha.
Pergunte se a pessoa deseja continuar, conversar ou interromper a leitura.

Acolha sem interpretar.
Evite explicar o que aquela reação "significa".

Respeite a recusa.
Não é necessário concluir a leitura ou a atividade naquele encontro.

07

Depois da leitura



O que fazer depois que o texto termina?

O término da leitura não significa que a experiência produzida por ela também terminou. Depois do texto, pode haver vontade de falar, permanecer em silêncio, retomar uma passagem, comentar uma imagem ou simplesmente permanecer algum tempo com aquilo que foi lido. O aplicador pode oferecer espaço para essas possibilidades sem exigir uma resposta imediata.

Quando houver disposição para conversar, o diálogo pode partir da própria experiência de leitura. Em vez de buscar uma conclusão sobre o luto ou perguntar se o texto “ajudou”, é mais adequado acolher aquilo que o participante deseja destacar naquele momento. Nesse processo, podem surgir insights, entendidos como novas percepções ou compreensões relacionadas à leitura e à experiência do leitor, sem que precisem ser provocados pelo aplicador.

Também podem ser oferecidas outras formas de expressão, como escrita, desenho, produção de memória ou atividades simbólicas. Esses recursos devem funcionar como possibilidades de continuidade da experiência e não como etapas obrigatórias. A pessoa pode escolher realizá-los, adaptá-los ou simplesmente encerrar o encontro após a leitura e a conversa.

Se houver uma atividade complementar

Depois da leitura, uma atividade pode ampliar as possibilidades de expressão, mas não precisa estar presente em todos os encontros. Sua escolha deve considerar o que surgiu durante a prática e a disposição da pessoa ou do grupo naquele momento.

Apresente a atividade como um convite, não como uma obrigação. O participante pode realizá-la, adaptá-la, compartilhar apenas o que desejar ou optar por não participar. Desenhos, textos e outros registros também não precisam ser interpretados pelo aplicador.

Algumas possibilidades:

Escrita livre
Palavras, frases, cartas ou pequenos registros despertados pela leitura.

Desenho ou colagem
Formas visuais de expressar imagens, lembranças ou impressões.

Música
Uma canção escolhida ou lembrada a partir do encontro.

08

Memória e vínculos

Quando a leitura desperta lembranças

A leitura pode despertar lembranças de quem morreu, de situações vividas em conjunto, de lugares, objetos, palavras ou acontecimentos compartilhados. Essas memórias podem aparecer espontaneamente durante a prática e assumir sentidos diferentes para cada pessoa.

Recordar não precisa significar permanecer preso ao passado. A memória pode integrar a experiência do luto e possibilitar formas de manter vínculos com quem morreu, sem negar a realidade da perda. Ao aplicador cabe acolher aquilo que surgir, sem determinar quais lembranças devem ser preservadas ou o significado que elas devem assumir.

Nem toda lembrança será confortável. Algumas podem provocar tristeza, saudade, ambivalência ou até o desejo de não continuar falando sobre determinado assunto. Por isso, atividades relacionadas à memória devem permanecer como possibilidade, respeitando a disposição e os limites do participante.

Quando lembranças surgirem e houver disposição para explorá-las, o aplicador pode oferecer uma atividade simples que permita registrá-las ou compartilhá-las. O objetivo não é construir uma homenagem obrigatória, mas abrir espaço para que a pessoa escolha como deseja se relacionar com aquilo que permanece significativo.

Algumas possibilidades:

Uma página de memória
Reunir palavras, pequenas lembranças, imagens ou registros relacionados à pessoa que morreu.

Uma lembrança que quero guardar
Escolher uma situação, característica, frase ou momento que a pessoa deseje registrar ou compartilhar.

Um fragmento da leitura
Retomar uma palavra, imagem ou passagem do texto que tenha despertado alguma lembrança e, se houver vontade, falar sobre a relação construída entre elas.

Em qualquer dessas propostas, o participante pode escolher não realizar a atividade ou não compartilhar o que produziu.

09

Cuidados e limites

Reconheça quando a prática pede cuidado adicional

Nem toda situação mobilizada durante uma prática biblioterapêutica pode ser acolhida apenas no espaço da leitura e da mediação. O aplicador precisa reconhecer quando aquilo que surge ultrapassa os objetivos e os limites de uma prática não clínica.

Reações intensas, sofrimento persistente, falas que indiquem risco à própria segurança ou situações que demandem avaliação especializada exigem atenção. Nesses casos, o papel do aplicador não é investigar, diagnosticar ou conduzir uma intervenção clínica, mas reconhecer o limite de sua atuação e orientar a busca por profissionais habilitados.

Também é importante evitar promessas de melhora, cura ou superação do luto por meio da leitura. A Biblioterapia de Desenvolvimento pode oferecer possibilidades de expressão, reflexão e diálogo, mas não substitui acompanhamento psicológico, psiquiátrico ou outros cuidados especializados quando necessários.

Atenção

Quando não seguir sozinho

Considere interromper a atividade e orientar a busca por atendimento especializado quando:

o sofrimento manifestado ultrapassar o que pode ser acolhido no espaço da leitura e da mediação;

a pessoa demonstrar necessidade de avaliação ou acompanhamento psicológico, psiquiátrico ou de outro profissional especializado;

surgirem falas ou situações que indiquem risco à própria segurança ou à segurança de outras pessoas;
você perceber que não possui formação ou condições para conduzir aquilo que emergiu durante o encontro.

Encaminhar não significa abandonar a pessoa. Significa reconhecer os limites da prática e agir de forma responsável diante de necessidades que exigem outro tipo de cuidado.

10

Possibilidades de leitura

Como ler este repertório

As obras apresentadas nesta seção foram identificadas nos estudos analisados durante a pesquisa. Nesses estudos, os materiais aparecem de maneiras diferentes: utilizados em experiências relatadas, analisados por pesquisadores ou sugeridos por profissionais e participantes.

A presença de um título neste repertório não significa que ele seja indicado para todas as pessoas enlutadas nem que sua efetividade tenha sido comprovada. A escolha de qualquer obra deve considerar seu conteúdo integral, as características do leitor, o contexto da prática e as possibilidades de mediação.

O repertório apresentado nesta cartilha constitui um recorte da literatura identificada na pesquisa. Foram selecionadas cinco obras que puderam ser lidas integralmente durante a elaboração do produto e que apresentam diferentes possibilidades de abordagem da morte, da ausência, da memória e da continuidade dos vínculos.

Obras em destaque

As observações apresentadas nas próximas páginas resultam da leitura integral das obras, em diálogo com os achados da pesquisa. Têm caráter orientativo e devem ser adaptadas às características do leitor e ao contexto de cada prática.

O Coração e a Garrafa

Oliver Jeffers



Público possível

Crianças em idade escolar, adolescentes e adultos, considerando as características do leitor e o contexto da prática.

Temas que podem emergir

Ausência, proteção, mudanças após uma perda, afastamento de interesses, memória e reconexão.

O que a obra apresenta

A narrativa acompanha uma menina curiosa que compartilha descobertas com uma figura adulta significativa. Após a ausência dessa pessoa, ela guarda simbolicamente o coração em uma garrafa e se afasta de interesses que antes faziam parte de sua vida. Já adulta, o encontro com outra menina curiosa provoca uma mudança nessa relação com o próprio coração.

O Coração e a Garrafa

Oliver Jeffers

Possibilidades de mediação

A obra pode abrir conversas sobre mudanças após uma perda, formas de proteção diante do sofrimento e retomada de interesses e vínculos.

Perguntas que podem abrir o diálogo

- **O que você acha que a garrafa representava para a menina?**
- **O que mudou na vida dela depois que a cadeira ficou vazia?**
- **O que chamou sua atenção no encontro entre as duas meninas?**

Cuidados na utilização

A narrativa utiliza imagens e metáforas e não explica de forma fechada a ausência apresentada. Evite atribuir previamente um significado único à garrafa, à cadeira vazia ou ao desfecho.

O Fio Invisível

Patrice Karst



Público possível
Crianças e famílias.

Temas que podem emergir
Saudade, vínculo, separação, amor, segurança emocional, conexão, morte e continuidade dos vínculos.

O que a obra apresenta
Durante uma tempestade, os gêmeos Gabriel e Isabela procuram a mãe por estarem com medo. Para ajudá-los a compreender que continuam ligados às pessoas que amam mesmo quando estão distantes, ela apresenta a ideia de um fio invisível feito de amor. Ao longo da narrativa, as crianças imaginam esse fio alcançando diferentes pessoas, lugares e situações, inclusive o tio Artur “lá no céu”. A história amplia essa imagem até representar pessoas de todo o mundo conectadas por fios invisíveis.

O Fio Invisível

Patrice Karst

Possibilidades de mediação

A obra pode favorecer conversas sobre saudade, separação e continuidade dos vínculos afetivos, mesmo diante da ausência física.

Perguntas que podem abrir o diálogo

- **O que o fio invisível representa para você?**
- **Quem poderia estar ligado a você por esse fio?**
- **Como alguém pode continuar importante mesmo estando distante?**

Cuidados na utilização

A obra utiliza uma metáfora para falar de conexão e ausência. Observe se essa linguagem faz sentido para a criança e evite apresentá-la como explicação única para a morte ou o luto.

O Passeio

Pablo Lugones e Alexandre Rampazo



Público possível

Crianças em idade escolar, adolescentes e adultos.

Temas que podem emergir

Vínculo entre pai e filha, passagem do tempo, envelhecimento, ausência, memória e continuidade da vida.

O que a obra apresenta

A narrativa acompanha pai e filha ao longo da vida por meio de passeios de bicicleta. Enquanto ela cresce, o pai envelhece, até que sua presença deixa de acompanhar o percurso. Diante da ausência, a personagem retoma lembranças compartilhadas e, mais tarde, continua o passeio ao lado de uma nova geração.

O Passeio

Pablo Lugones e Alexandre Rampazo

Possibilidades de mediação

A obra pode favorecer conversas sobre mudanças nos vínculos ao longo da vida, ausência, lembranças e formas de seguir adiante preservando aquilo que foi vivido.

Perguntas que podem abrir o diálogo

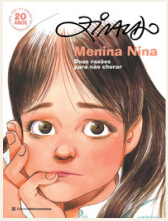
- **O que muda no passeio ao longo da história?**
- **O que a borboleta parece representar para você?**
- **Como as lembranças do pai continuam presentes no final?**

Cuidados na utilização

A morte não é nomeada diretamente e parte importante do sentido é construída pelas imagens. Evite explicar antecipadamente o que aconteceu com o pai ou atribuir significado único à borboleta e ao final.

Menina Nina

Ziraldo



Público possível

Crianças em idade escolar e famílias.

Temas que podem emergir

Morte de avós, vínculo familiar, saudade, tristeza, choro, lembranças e diferentes compreensões sobre a morte.

O que a obra apresenta

A narrativa acompanha o vínculo afetuoso entre Nina e sua avó Vivi, construído por brincadeiras, viagens, presentes e memórias familiares. Após a morte repentina da avó, Nina se depara com a ausência e com perguntas sobre a despedida. A história acolhe o choro e apresenta diferentes possibilidades de pensar sobre o que acontece depois da morte.

Menina Nina

Ziraldo

Possibilidades de mediação

A obra pode favorecer conversas sobre a morte de pessoas queridas, saudade, expressão da tristeza e lembranças construídas na relação com quem morreu.

Perguntas que podem abrir o diálogo

- **Do que Nina parece sentir mais falta em sua avó?**
- **Que lembranças das duas chamaram mais sua atenção?**
- **O que você pensou sobre as explicações apresentadas no final da história?**

Cuidados na utilização

O final apresenta diferentes ideias sobre o que pode acontecer após a morte, incluindo uma perspectiva religiosa. Evite tratá-las como respostas definitivas e considere as crenças e compreensões do leitor e de sua família.

Pode chorar, coração, mas fique inteiro

Glenn Ringtved e Charlotte Pardi



Público possível

Crianças em idade escolar, adolescentes e adultos.

Temas que podem emergir

Morte de pessoa significativa, despedida, tristeza, saudade, sofrimento, consolo, memória e continuidade dos vínculos.

O que a obra apresenta

Quatro crianças tentam adiar a morte da avó, recebendo a própria Morte à mesa. Durante a espera, ela conta uma história sobre a relação entre alegria e sofrimento e, ao final, acompanha a despedida da avó. A narrativa aborda de forma simbólica a finitude, a tristeza e a permanência das lembranças após a perda.

Pode chorar, coração, mas fique inteiro

Glenn Ringtved e Charlotte Pardi

Possibilidades de mediação

A obra pode favorecer conversas sobre morte, despedida, tristeza e maneiras de manter lembranças e vínculos com quem morreu.

Perguntas que podem abrir o diálogo

- **O que você pensou sobre a forma como a Morte aparece na história?**
- **O que a história sobre Alegria, Risada, Sofrimento e Desconsolo fez você pensar?**
- **O que significa para você a frase “Pode chorar, coração, mas fique inteiro”?**

Cuidados na utilização

A Morte é apresentada como personagem e a narrativa utiliza metáforas sobre vida, morte e sofrimento. Observe como o leitor recebe essas imagens e evite transformar os sentidos da história em explicações universais sobre a morte ou o luto.

11

Um exemplo de prática

O exemplo a seguir apresenta uma possibilidade de organização de uma prática de Biblioterapia de Desenvolvimento. Não constitui um roteiro obrigatório nem uma intervenção validada. Sua condução deve considerar as características do leitor, o contexto e as respostas que surgirem durante o encontro.

Intenção da prática

Favorecer um espaço de leitura e diálogo sobre ausência, mudanças após uma perda, lembranças e continuidade da vida.

Material
O Coração e a Garrafa, de Oliver Jeffers, e materiais simples para escrita ou desenho, caso o participante deseje utilizá-los.

Antes da leitura
Apresente brevemente a proposta e permita que a pessoa conheça o livro. Não antecipe o significado da história nem explique previamente o que a garrafa, a cadeira ou o coração representam.

Durante a leitura
Leia respeitando o ritmo do participante. Pausas, comentários e silêncios podem fazer parte do encontro. Observe as respostas que surgirem sem interromper a leitura para interpretá-las.

Depois da leitura
Convide o participante a falar sobre aquilo que mais chamou sua atenção. Algumas perguntas possíveis são:

- **O que ficou com você depois dessa história?**
- **O que você acha que mudou na vida da menina?**
- **O que a garrafa representou para você?**

Uma possibilidade de continuidade

Se houver interesse, proponha um pequeno registro escrito ou visual a partir da pergunta:

“O que eu gostaria de guardar e o que eu gostaria de reencontrar?”

A atividade pode ser realizada com palavras, frases, desenhos ou imagens e não precisa ser compartilhada.

Encerramento
Não é necessário chegar a uma conclusão sobre a perda. Retome brevemente aquilo que a pessoa desejar compartilhar, acolha o que permanecer em aberto e encerre respeitando o modo como ela escolheu participar.

12

Checklist do aplicador

Antes, durante e depois da prática

Use este checklist como um apoio para revisar aspectos importantes da mediação. Ele não substitui a atenção às características de cada leitor e de cada encontro.

ANTES

□ Li a obra integralmente e conheço também suas imagens, metáforas e possíveis ambiguidades.

□ Considerei as características do leitor, a experiência da perda e o contexto da prática.

□ Defini uma intenção para o encontro sem estabelecer o que a pessoa deverá sentir ou compreender.

DURANTE

□ Respeito o ritmo da leitura, os silêncios, as recusas e as diferentes interpretações.

□ Faço perguntas abertas e evito conduzir o leitor para uma resposta previamente esperada.

□ Observo as reações e estou disposto a adaptar, pausar ou interromper a proposta quando necessário.

DEPOIS

□ Ofereço espaço para conversa ou outras formas de expressão sem torná-las obrigatórias.

□ Evito interpretar desenhos, escritos, emoções ou outras manifestações do participante.

□ Reconheço os limites da Biblioterapia de Desenvolvimento e sei quando orientar a busca por cuidado especializado.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

ARRUDA-COLLI, Marina N. F.; WEAVER, Meaghann S.; WIENER, Lori. Communication about dying, death, and bereavement: a systematic review of children's literature. **Journal of Palliative Medicine**, v. 20, n. 5, p. 548–559, 2017. DOI: 10.1089/jpm.2016.0494.

BOWMAN, Ted. Bereavement care: a widower's use of stories/bibliotherapy. **Bereavement**: **Journal of Grief and Responses to Death**, v. 2, 2023. DOI: 10.54210/bj.2023.1089.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 32–44, 2001. DOI: 10.5007/1518-2924.2001v6n12p32.

EKLUND, Rakel. Death and grief in illustrated storybooks: an inventory of Swedish literature for young children. **Death Studies**, v. 49, n. 3, p. 329–336, 2025. DOI: 10.1080/07481187.2024.2317167.

JEFFERS, Oliver. **O coração e a garrafa**. Tradução de Tatiana Maciel. São Paulo: Salamandra, 2012.

KARST, Patrice. **O fio invisível**. Ilustrações de Joanne Lew-Vriethoff; tradução de Camila Werner. São Paulo: Caminho Suave, 2022.

LUGONES, Pablo. **O passeio**. Ilustrações e projeto gráfico de Alexandre Rampazo. [S. l.]: Gato Leitor, 2017.

MALHI, Prahbhjot; BHARTI, Bhavneet. Healing with storybooks: using bibliotherapy to help children cope with death. **Indian Journal of Social** Psychiatry, v. 39, n. 3, p. 298–300, 2023. DOI: 10.4103/ijsp.ijsp_76_21.

MARTÍNEZ-CABALLERO, María; MELERO, Ángeles; SILIÓ-GARCÍA, Tamara; APARICIO-SANZ, Mar; ORTEGO-MATÉ, Carmen. Grief in children's story books: a systematic integrative review. **Journal of Pediatric Nursing**, v. 69, p. e88–e96, 2023. DOI: 10.1016/j.pedn.2022.12.012.

REFERÊNCIAS

REGEHR, Lindsay J.; HEATH, Melissa A.; JACKSON, Aaron P.; NELSON, David; CUTRER-PÁRRAGA, Elizabeth A. Storybooks to facilitate children's communication following parental suicide: paraprofessional counselors' perceptions. **Death Studies,** v. 45, n. 10, p. 795–804, 2021. DOI: 10.1080/07481187.2019.1692972.

RINGTVED, Glenn. **Pode chorar, coração, mas fique inteiro**. Ilustrações de Charlotte Pardi; tradução de Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2020.

RUSCH, Rachel; GREENMAN, Jennifer; SCANLON, Caitlin; HORNE, Kyle; JONAS, Danielle Faye. Bibliotherapy and bereavement: harnessing the power of reading to enhance family coping in pediatric palliative care. **Journal of Social Work in End-of-Life & Palliative Care**, v. 16, n. 2, p. 85–98, 2020. DOI: 10.1080/15524256.2020.1745728.

SILVA, Reinan Rios da; AGUIAR, Niliane Cunha de. **A prática da Biblioterapia no processo de enfrentamento do luto.** Revista Bibliomar, São Luís, v. 24, n. 2, p. 1–16, jul./dez. 2025. DOI: 10.18764/2526-6160v24n2e26930.

WATSON, Cortland; CUTRER-PÁRRAGA, Elizabeth A.; HEATH, Melissa A.; MILLER, Erica E.; YOUNG, Terrell A.; WILSON, Suzanne N. Very young child survivors' perceptions of their father's suicide: exploring bibliotherapy as postvention support. International **Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, n. 21, art. 11384, 2021. DOI: 10.3390/ijerph182111384.

ZIRALDO. **Menina Nina**: duas razões para não chorar. São Paulo: Melhoramentos, 2002.



Ler também pode ser uma forma de continuar.

Reinan Rios da Silva
PPGCI/UFS · 2026